

conhecimento, a profundidade do pensamento e o rigor do discurso do teólogo Joseph Ratzinger, agora Papa Bento XVI. E bem assim, a sua preocupação por dar a resposta justa, à luz da Fé subsidiada pela razão, a problemas reais do tempo presente da Igreja e do mundo.

JORGE COUTINHO

SESBOÛÉ, Bernard, **Invitation à croire. Des sacrements crédibles et désirables**, coll. «Théologies», Les Éditions du Cerf (www.editionsducerf.fr), Paris, 2009, 354 p. 235 x 145, ISBN 978-2-204-08790-2.

O presente livro constitui como que o segundo volume de outro do mesmo autor – *Croire. Invitation à la foi catholique pour les femmes et les hommes du XXI^e siècle* (Éd. Droguet et Ardant, 1999) – sendo uma espécie de complemento. Este primeiro propunha-se proceder a uma explicação da fé, dirigida a crentes e descrentes. Começa por uma abordagem da experiência humana do acto de crer e segue analisando cada uma das grandes afirmações contidas no Símbolo dos Apóstolos. Num âmbito tão vasto, aos sacramentos não coube mais que uma vintena de páginas. B. Sesboüé propôs-se então dedicar a esta temática todo um segundo volume, orientado para os mesmos destinatários e seguindo um método semelhante.

Tendo em conta a forte descida da prática sacramental e, mais ainda, alguma forte contestação da pertinência dos sacramentos, o autor começa por apresentar o significado antropológico da economia ritual e sacramental. Trata em seguida de Cristo, primeiro sacramento de Deus, fundador e fundamento do septenário dos sacramentos em sentido estrito, que

fazem a Igreja que os faz a eles. Sempre tendo em conta as dificuldades actuais da sua prática, cada sacramento é apresentado em função da sua originalidade própria e na esfera da experiência humana que lhe diz respeito: a água e a vida, o alimento e a refeição, a diligência humana de reconciliação, a doença e a morte, a autoridade, o casamento como instituição.

O conteúdo da exposição de cada sacramento apoia-se na luz da história (em que a palavra da Igreja se conjuga com a prática da mesma), completando-se com reflexões de ordem pastoral. O autor propõe-se como objectivo contribuir para que os sacramentos se tornem «sedutores», credíveis e desejáveis ao mesmo tempo.

Para que o leitor desta resenha possa ter uma ideia de como, além do tratamento teológico essencial e supra-temporal, B. Sesboüé procura ir ao encontro dos reais problemas do tempo actual, damos aqui alguns exemplos sumários. Sobre o baptismo, p. ex., dedica as últimas páginas (92-98) à pastoral do baptismo e ao baptismo das crianças hoje. A propósito da Ordem, não deixa de oferecer as suas reflexões obre o diaconado permanente e o ministério dos leigos e, bem assim, não se furta a abordar a questão debatida do celibato dos padres (276-283). No âmbito do matrimónio, termina o capítulo próprio com considerações sobre problemas actuais vários: indissolubilidade e declarações de nulidade; casamentos mistos entre cristãos de confissões diferentes; casamento entre fieis de religiões diferentes; questão da legitimidade do casamento entre dois baptizados que perderam a fé; caso doloroso dos «divorciados recasados».

Tudo contado, estamos em presença de um livro muito bem concebido e estruturado, muito claro na linguagem, muito actual no horizonte de preocupações. Um excelente manual; ou, talvez mesmo

podéssemos dizer: um bom tratado de teologia e pastoral dos sacramentos.

JORGE COUTINHO

RIGAL, Jean, **Une foi en transhumance**, Desclée de Brouwer, Paris, 2009, 264 p., 210 x 140, ISBN 978-2-220-06063-7.

O *Lexis – Dictionnaire de la langue française*, da Larousse, define «*transhumance*» como o movimento dos rebanhos, nos países mediterrânicos, que, no verão, se deslocam para as montanhas vizinhas; ou também como a deslocação a que os apicultores submetem as colmeias para seguir a floração. A metáfora é, neste livro, aplicada por Jean Rigal à condição da fé religiosa no tempo presente e no seu movimento no universo cultural, em que se assiste a um florescimento de novas sensibilidades e novas expressões da descrença, em face das quais será preciso proceder a um fecundo movimento de «criatividade da fé».

A fé em «*transhumance*» poderia ser traduzido por «a fé em deslocação»; mas essa tradução é, sem dúvida, inadequada, não permitindo compreender o sentido essencial ou o que o autor quis dizer com aquela metáfora. Talvez ajude um pouco esta confissão que faz na Introdução: «Acontece-me sofrer por ver ‘a minha Igreja’ preocupar-se com coisas secundárias, ou mesmo fúteis, no momento em que se põem ‘a descoberto’ as questões mais fundamentais sobre o sentido da vida e o futuro da humanidade. Em sentido inverso, grande é a minha alegria quando vejo cristãos apaixonarem-se pela partilha do Evangelho ou empenharem-se na humanização da nossa terra, para que ela seja um pouco mais viável e fraterna» (p. 11).

Para ajudar ao desejado redireccionamento – ou, melhor, adequação – da fé,

Jean Rigal, que foi professor de eclesiologia na Faculdade de Teologia de Toulouse durante vinte anos, numa primeira parte do livro, vai ao encontro dos actuais desafios que se colocam àquela, em sua condição ora de confronto com a descrença e as novas culturas ora de fervorosa revitalização. Uma segunda parte é dedicada às novas gnosés que pululam hoje, como no antigo paganismo. Delas é exemplo emblemático o fenómeno d’*O código Da Vinci*. A terceira parte versa sobre uma característica essencial e muito bíblica da fé: a fé «a caminho» ou a fé como um caminho a percorrer. Os últimos capítulos reflectem sobre alguns pontos essenciais da fé cristã que se tornaram desvitalizados e vazios quer na sua assunção pelos crentes quer na prática corrente da pastoral. Assim a fé na ressurreição dos mortos e todo o Símbolo de Niceia-Constantinopla.

Em conclusão, Rigal não deixa de insistir em que a fé não é algo de estático, uma herança apenas (porventura mal) recebida. Ela é um devir. E carece de ser permanentemente reconduzida à pureza, à frescura e à energia originárias da genuína experiência do Evangelho.

JORGE COUTINHO

BOUCHEUX, Mgr Raymond, **À la découverte de Vatican II**, Éditions Parole et Silence, Paris, 2009, 250 p., 210 x 140, ISBN 978-2-84573-737-2.

Este livro, escrito pelo antigo Arcebispo de Avignon – que se retirou do cargo em 2002 e se dedica agora ao apostolado nas prisões, junto de doentes do foro psiquiátrico e também de comunidades religiosas – é isso mesmo: um convite ou uma proposta de redescoberta do Concílio Vaticano